

CM 27.10.50

RN 380

O Dic } 5.8.90
SP }

O Desenho de um Aquecedor

1033 17.10.65 Kubem Braga

ERA um desenho mediocre, feito com tanto azul em um papel muito alvo. Representava um objeto banal em todo quarto de Paris, um aquecedor. Arrumando seus papéis, o homem jogava fora muitas cartas, muitos rabis-côs, um mundo de coisas inúteis.

Quando viu o desenho, pensou também em jogá-lo fora; uma semana depois viu, entretanto, distraidamente, que não o fizera. Dias depois, como fôsse mudar de quarto de hotel, deparou outra vez aquele desenho sem graça. Amarrotou-o com a mão e ia lançá-lo na cesta quando alguém o chamou ao telefone.

No quarto nôvo, abrindo uma gaveta, achou aquele papel meio amarrotado e foi ver o que era. Então, ao ver o pobre desenho, compreendeu porque resistira inconscientemente à idéia de se desfazer dele.

Lembrou o momento em que o fizera. Estava sentado numa poltrona, conversando com uma pessoa que estava sentada na cama. A presença daquela mulher o perturbava um pouco; entretanto conversavam assuntos indiferentes. Foi naquele momento que fez o desenho, pois tinha na mão a caneta que tirara do bolso para escrever um endereço. Certamente evitava olhar a mulher; em vez de fixar a amiga, que o perturbava, fixava aquele objeto, e o foi desenhando. A atenção que dava as retas e curvas do aquecedor era certamente uma defesa contra sua vontade de olhar de frente a môça, cuja presença forte, bela, animal, dentro do quarto, naquela visita puramente cordial, o constrangia.

Sabia que seria estúpido se tentasse sair daquele tom de conversa neutro e ocasional. Sabia que não despertava o menor interesse naquela môça. Fugia, meio consciente, meio inconscientemente, àquele sentimento de que estava a seu lado em um quarto. Uma cama grande, um vaso de flôres e fôlhas, a janela dando para as pequenas chaminés de uma série de telhados escuros, em três ou quatro planos. Desenhara apenas o aquecedor, o objeto mais prosaico, mais sem graça, mais impessoal. Qualquer outra coisa no quarto, mesmo a paisagem lá fora, falaria mais da môça, de seus olhos, de sua mão, de suas pernas andando ou do joelho curvo, de seu jeito de arrumar e desarrumar as coisas, de sua respiração próxima. O aquecedor era igual a todos, de todos os quartos de hotel.

Vendo as linhas inábeis daquele desenho feito semanas antes, o homem sentia aquele mesmo sentimento confuso de desejo e contensão. O desenho, aplicado e laborioso, ainda que mal sucedido, era ao mesmo tempo triste e evasivo e carregado de emoção. Um canto daquele quarto, onde estava aquela mulher forte e apetecível, ao alcance de sua mão, aquela mulher que entretanto o desprezaria se êle a olhasse como sentia vontade de olhar — como olhava, em sua forma geral e em todos os seus detalhes, o aquecedor.

Mistura de humildade e orgulho, aquele desenho. Nenhum valor de arte, certamente, mas um recado de sua própria vida, um recado hipócrita e frio, entretanto comvente na sua melancolia.

DN - 17.10.65